

UMA ABORDAGEM “KENÓTICA” DO SOFRIMENTO: O SERVIÇO COMO CAMINHO DO MISTÉRIO, LAMENTO E AUTODOAÇÃO

Francisco Aires de Oliveira Junior¹
Pedro Henrique Teixeira Pires Veiga²
Rainerson Israel Estevam de Luiz³

RESUMO: O artigo analisa o sofrimento humano à luz da teologia cristã, utilizando o conceito de “kenosis” (esvaziamento) como chave interpretativa. O objetivo é compreender como o serviço e a autodoação de Deus, revelados na encarnação de Cristo, oferecem um paradigma para enfrentar o sofrimento. A pesquisa revisita a kenosis em três níveis: como atributo trinitário, como expressão na encarnação de Jesus e como modelo de relação entre Deus e a criação. Além disso, aborda como o sofrimento é tratado nas Escrituras, explorando exemplos de lamentação, obediência e solidariedade. O artigo propõe uma resposta teológica prática que ultrapasse meras explicações racionais ou

¹ Francisco Aires é graduando em teologia pelo Seminário Teológico Batista Carioca, em engenharia de software pela Universidade Cruzeiro do Sul e em Processos Gerenciais na Uninter. Além disso, é técnico em informática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA. Atua ainda como missionário da Junta de Missões Nacionais - JMN há sete anos entre a população de rua e dependente química, e com a formação e desenvolvimento dos missionários da JMN em todo o Brasil. É presidente da Juventude Batista Carioca, da Convenção Batista Carioca - CBC e pastor de missões na Igreja Batista Jardim Clarice, no Rio de Janeiro.

² Pedro Veiga é Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Pós-graduado em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil - STBSB. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil - STBSB. Graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade do Norte - UNINORTE. Coordenador Acadêmico e professor de dedicação exclusiva (20h) no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil - STBSB, para o curso de Graduação em Teologia presencial. Atua ainda como professor no programa de Mestrado do Southeastern Baptist Theological Seminary. Pastor Batista, filiado a Ordem de Pastores Batista do Brasil - OPBB. Atualmente é Gerente de Formação Missionária na Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira - CBB. Atua no campo da pastoral cristã como pastor presidente da Igreja Batista em Jardim Clarice, localizada no bairro do Anil na cidade do Rio de Janeiro/RJ, organização religiosa filiada à CBB. Atua na área de gestão de pessoas e projetos, com ênfase na capacitação e desenvolvimento de liderança. Desenvolve projetos de pesquisa no campo da teologia cristã, com especial ênfase nas áreas da eclesiologia, pastoral, missiologia e teologia sistemática. É palestrante e conferencista em instituições diversas.

³ Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

soluções utópicas, apontando para o lamento como prática espiritual e o serviço como forma de transformar a dor em expressão de amor e compaixão.

Palavras-chave: Kenosis; sofrimento humano; teologia do sofrimento; serviço cristão

ABSTRACT: The article examines human suffering through the lens of Christian Theology, employing the concept of “kenosis” (self-emptying) as its interpretive key. The objective is to understand how God’s service and self-giving, revealed in the incarnation of Christ, provide a paradigm to endure suffering. The research revisits kenosis on three levels: as a Trinitarian attribute, as an expression in Jesus’ incarnation, and as a model for the relationship between God and creation. Furthermore, it explores how suffering is addressed in Scripture, examining examples of lament, obedience, and solidarity. The article proposes a practical theological response that transcends mere rational explanations or utopian solutions, emphasizing lament as a spiritual practice and service as a means to transform pain into an expression of love and compassion.

Key-words: Kenosis – human suffering – theology of suffering – christian service

INTRODUÇÃO

O sofrimento é uma realidade intrínseca à experiência humana, desafiando tanto o entendimento racional quanto as práticas religiosas. No cristianismo, a relação entre sofrimento e o amor divino encontra uma resposta no conceito de kenosis (esvaziamento), um movimento de autodoação de Deus que redefine a experiência do sofrimento à luz do amor sacrificial.

Este artigo busca investigar como o sofrimento pode ser compreendido e enfrentado por meio de uma abordagem teológica centrada na kenosis. O foco está em conectar a autodoação divina à prática humana de serviço e solidariedade, apresentando a kenosis como chave para interpretar e responder ao sofrimento.

No contexto atual de instabilidade social e existencial, o sofrimento continua sendo um desafio ético e espiritual para comunidades cristãs. Uma teologia que privilegie o lamento e o serviço pode oferecer novas perspectivas, distantes de respostas simplistas e de manipulações religiosas. A prática de uma espiritualidade kenótica — centrada no serviço e na entrega — pode transformar a compreensão do sofrimento humano, proporcionando uma vivência que transcende a dor e promove comunhão com Deus e com o próximo.

O artigo utiliza revisão bibliográfica e análise teológica, com base em fontes bíblicas e em autores como Bayron Herrera, Aíla Andrade e Jonas Madureira.

Além disso, são examinados textos bíblicos chave, como Filipenses 2, explorando as dimensões histórica, trinitária e pastoral do conceito de kenosis. O estudo desenvolve-se em três partes principais: (i) análise histórica e teológica da kenosis, (ii) relação entre sofrimento e kenosis nas Escrituras, e (iii) aplicação prática na teologia do lamento e no serviço cristão. A conclusão sintetiza as reflexões, destacando a relevância pastoral e espiritual dessa abordagem.

1. UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE *KENOSIS*

A expressão kenosis, traduzida geralmente como “esvaziamento”, denota um conceito bastante complexo e um dos mais estudados na exegese cristã, pois sua aparição encontra-se no registro de um cântico que o apóstolo Paulo registra em sua carta aos irmãos da igreja em Filipos. No trecho do capítulo 2, entre os versos de 6 a 11, o Hino Cristológico parece ser uma canção já conhecida na Igreja Primitiva e que pode ter sido inserida nesse momento para que aquela comunidade pudesse ser lembrada de conceitos evidentes da revelação de Deus em Cristo Jesus em duas partes, essencialmente, sua humilhação e sua exaltação.

Para Bayron Herrera⁴, existem três considerações históricas acerca da melhor interpretação para esse conceito expresso pela palavra “kenosis”. Essa possibilidade de debate e discussão acerca da expressão em questão ocorre principalmente porque não há outro lugar no texto bíblico em que ela seja utilizada de maneira a trazer luz à melhor explicação para seu uso naquele lugar, de tal forma que as discussões trazem possibilidades interessantes ao longo da história do cristianismo.

Herrera apresenta a primeira das interpretações possíveis da expressão kenosis como sendo dependente do desenvolvimento da cristologia no contexto bíblico neotestamentário, qual seja especialmente sobre o “esvaziamento do Filho preexistente de Deus [...] ao fazer presença em carne ou natureza humana [...] com todas suas limitações e penalidades até chegar à morte”⁵.

Esse posicionamento interpretativo acerca do conceito de kenosis descreve um olhar direcionado à percepção de Cristo como abdicando de Seus atributos divinos e tudo que ele comporta, de maneira que se esvaziar parece demonstrar um despojamento das propriedades essenciais da divindade, associando a hu-

⁴ HERRERA, Bayron. Kénosis y donación: la kénosis como atributo divino. *Cuestiones Teológicas*. 2014, p. 350. Tradução nossa.

⁵ HERRERA, Bayron. 2014, p. 369. Tradução nossa.

milhação com a vida em sofrimento e morte que Cristo adotou em obediência ao Pai. Sendo assim, uma interpretação mais voltada ao fazer-se humano que Deus realiza por meio da encarnação no Filho.

De acordo com Xavier⁶, essa noção de kenosis encontra suas raízes na Patrística Oriental, sendo concebida como um movimento dinâmico de Deus em direção ao ser humano. Para os pensadores orientais, o conhecimento não pode ser separado do relacionamento; ele só se efetivará no contexto de uma relação pessoal. Nesse sentido, Deus, para conhecer e ser conhecido pelo ser humano, necessita adotar uma postura relacional, indo ao seu encontro e permitindo-se ser conhecido.

A kenosis, na segunda consideração de Herrera, pode ser compreendida historicamente também como sendo a manifestação contínua no contexto da Trindade. Neste caso, a kenosis trinitária é o ato de doação de si mesmo que cada pessoa da Trindade realiza em sua obra interna à economia da Divindade, em vez de se referir somente ao elemento cristológico, como dito na primeira forma de enxergar o esvaziamento descrito em Fp 2. O autor desenvolve:

Este auto entrega não é exclusiva do amor do Filho, mas sim da natureza da Trindade; existe eternamente e não surgiu no ato da encarnação agregando ou retirando algo do mistério de Deus. Na eterna Trindade, é natureza essencial que o Filho obedeça ao Pai em um ato de doação e que o Pai se doe ao Filho em perfeito amor⁷.

Como explica Aíla Andrade, de igual modo, “A kénosis não é um aspecto pontual, uma etapa passageira na vida de Jesus, que se identifica apenas com sua paixão e morte. Ao contrário, a kénosis é um modo de ser, é algo que afeta a totalidade da existência de Jesus”⁸. E ainda:

Por causa da comunhão indissolúvel entre Jesus e o Pai é que a kénosis diz algo a respeito de Deus em si mesmo como amor, como descentramento de si em direção ao outro. A kénosis revela a verdadeira intimidade do ser de Deus, uma comunidade de amor.⁹

⁶ XAVIER, Donizete J., SANTOS, Eduardo dos. 2008, p. 113.

⁷ HERRERA, Bayron. 2014, p. 351. Tradução nossa.

⁸ ANDRADE, Aíla. A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral. Ciências das Religiões: Uma Análise Transdisciplinar. UNICAP. p. 105

⁹ ANDRADE, Aíla. p. 106

Em acordo, Xavier afirma que “a kénosis de Deus não se dá somente na pessoa de Jesus, ela é trinitária”¹⁰, e afirma que acontece em dois momentos kenóticos, a saber:

1 – Quando falamos de Trindade imanente, ad intra, no Deus em si mesmo. Balthasar a chama de kénosis primordial (primeira kénosis ou original). É uma ação dinâmica, (...) se dá nas relações internas entre as Pessoas da Trindade. Chamamos essa relação de pericorese (termo fortemente cristológico-trinitário). É o Pai que se esvazia de sua condição de Pai para se encontrar no Filho, sem deixar de ser Pai; o Pai só é Pai em relação ao Filho, e o Filho que se esvazia de sua condição de Filho para se encontrar no Pai, sem deixar de ser Filho; o Filho só é Filho em relação ao Pai, e o Espírito Santo que é o próprio amor kenótico e a relação (...), ele é o movimento, a dinâmica, sem deixar de ser hipóstase (pessoa); é Pessoa-dom-que-se-dá. 2 – Na Trindade econômica, no Deus que se revela na história da salvação e na nossa história, é a kénosis na nossa história. É o projeto de amor do Pai que se inicia na criação e na história do povo eleito, se plenifica no Filho por meio do Espírito até nossos dias¹¹.

Dessa forma, entender que o ato de se esvaziar pertence a Deus para além do que é demonstrado na encarnação revela que na economia da Trindade há um processo de vida comunitária em renúncia e entrega por inteiro um ao outro de maneira plena e real; processo esse traduzido e revelado com Deus Filho encarnado, vivendo e morrendo em carne na manifestação escancarada do amor subversivo e, na realidade, único amor real, a saber, o de entrega sacrificial a si mesmo e aos outros, Suas criaturas.

Por fim, Herrera convida à reflexão explicando uma maneira mais recente de pensar a kenosis como sendo uma forma de autoadoação do Deus Criador no ato de criar, de tal forma que, por ocasião de Seu amor, preferiu limitar-se e doar-se. Essa forma de enxergar a ação de Deus em direção à criação reformula o pensamento tradicional de *apatheia*, no qual Deus não pode ser afetado pela Sua criação, mas, ao invés disso, justamente por conta do grande amor pelos Seus, limita-se, humilha-se e restringe-se em Seus atributos divinos, até chegar à uma aniquilação.

¹⁰ XAVIER, Donizete J., SANTOS, Eduardo dos. 2008, p. 113.

¹¹ XAVIER, Donizete J., SANTOS, Eduardo dos. 2008, p. 114.

Esses três modos de pensar o conceito de kenosis demonstram perspectivas diversas acerca da extrapolação que a encarnação torna possível sobre a revelação de Deus. Isso porque, após a encarnação, não há outra forma de se refletir acerca do Divino a não ser por meio de Jesus, e é exatamente por ocasião dessa mudança de paradigma demonstrada no ato do esvaziamento e do “fazer-se semelhança aos homens” que toda a ideia de Deus pode ser repensada e adaptada à uma compreensão que possibilite enxergar o Eterno como aquele que, em amor, foi doação e entrega, e isso desde o princípio e não apenas no ato da concepção de Maria.

A ideia que Herrera procura discutir, portanto, é de que se deve perceber a kenosis como a mais adequada percepção de Deus, seja em Sua economia trinitária, seja em sua revelação encarnada ou seja no processo de relacionamento com Sua criação.

2. A KENOSIS É UM ATRIBUTO COMUNICÁVEL DE DEUS?

É exatamente a partir da demonstração de que Deus está em ato de doação de si mesmo, pois é amor, e amor é entregar-se, que Herrera consegue concluir que todo o plano de redenção aponta para a kenosis como um atributo que pertence a Divindade, evidenciando o propósito sacrificial, doador e, por assim dizer, kenótico, de Deus:

É necessário compreender a capacidade de doação, de oferta, de entrega absoluta e radical como a expressão do ser mais íntimo de Deus, como a expressão por excelência do amor, como uma maneira de fazer-se presente a condição divina, e que pertence a seu ser e faz parte de sua definição e, neste caso, pensar a kenosis como um atributo divino, não como um aditamento, uma situação acessória à natureza de Jesus, ou de Deus¹².

O entendimento que o autor procura desenvolver faz frente à percepção kenótica de um esvaziamento de Deus como sendo diminuição de Sua condição divina ou ainda um abrir mão da Divindade como um todo por ocasião de sua ‘humanização’. O objetivo que ele busca desenvolver é que justamente a reflexão sobre o significado da expressão grega em questão possibilita um olhar mais acurado para ela de maneira que se faz possível vislumbrar melhor a revelação de Deus ao perceber que o ideal kenótico está presente no Eterno como atributo pertencente a Ele e que se evidencia e ultrapassa na encarnação, e que não se limita à Segunda Pessoa da Trindade em carne, mas traduz o Amor

¹² HERRERA, Bayron. 2014, p. 365. Tradução nossa.

que Ele é e que, por isso, é capaz de doar-se, entregar-se e relacionar-se com aqueles que Ele mesmo criou.

Assim, olhar para a encarnação como uma diminuição da divindade de Jesus é nada mais do que um erro provocado pela oposição entre humanidade e divindade, entendendo que são realidades antagônicas e contrapostas entre si. “Entendida desta maneira, a kenosis de Cristo não obscureceu sua divindade; ao contrário, mediante ela Cristo revela sua divindade e a do Pai”¹³. Por essa causa, atentar para o ato de encarnação de Deus faz perceber o maior exemplo de demonstração de amor real e perfeito possível e único Caminho adequado para ser seguido; aquele no qual se modifica o paradigma de compreensão do Eterno a partir da ótica de humanidade caída e, ao invés disso, se propõe a olhar e compreender a humanidade caída a partir da ótica do Divino, revelado de maneira mais evidente na humanidade de Jesus.

Conforme Herrera, “porque sempre temos crido que nossa humanidade deve ser tábua de medida a humanidade de Jesus. E é exatamente o contrário. Com a humanidade de Jesus a ideia de humanidade é ressignificada”¹⁴. Assim, o autor conclui que: “Kenosis significa excesso de amor divino manifesto na vida e entregue até a última consequência, até a última gota por todos os demais em consonância com a essência de Deus e de Seu Filho”¹⁵.

No entanto, o que pensar no conceito kenótico de Deus como sendo atributo da Divindade faz diferença ao se refletir a respeito do sofrimento humano? A autora Aíla de Andrade apresenta esse diálogo possível ao partir do ponto do sofrimento inevitável como sendo um dos poucos elementos comuns à realidade da pós-modernidade que não são efêmeros e fugazes e que, diante dessa realidade, é papel daqueles que exercem o pastoreio nas igrejas mostrar aos que sofrem que a vida ainda vale a pena e isso só seria possível através da “abertura kenótica que possibilita o encontro com o Deus compassivo”¹⁶.

Segundo a autora, apesar dessa “fluidez” dos relacionamentos e das experiências existenciais como um todo, o sofrimento parece ser uma experiência duradoura, bem como a constante permanência da ausência de sentido da vida, segundo ela, “a ideologia pós-moderna tenta mascarar todas as experiências

¹³ HERRERA, Bayron. 2014, p. 369. Tradução nossa.

¹⁴ HERRERA, Bayron. 2014, p. 370. Tradução nossa.

¹⁵ HERRERA, Bayron. 2014, p. 371. Tradução nossa.

¹⁶ ANDRADE, Aíla. p. 109.

existenciais como fugazes e efêmeras, no entanto o problema do sofrimento humano não é vivenciado como emoção passageira e superficial”¹⁷.

A autora, fazendo uma leitura breve da literatura sapiencial bíblica, especialmente em consideração ao texto de Jó, demonstra que a angústia humana provocada pelo sofrimento inerente à realidade não é motivada sempre pelo simples desejo de que a dor passe, mas tornava-se cada vez mais profunda e aguda à medida que, em seu momento de mais excruciante dor, ao invés de consolo, o protagonista recebe acusação. Tanto a revolta de Jó quanto os discursos teodicéicos de seus amigos estão fundamentados numa percepção mecanicista da vida em que o mal é existente na vida de quem faz o mal: trata-se “de um princípio hermenêutico regido pela bipolaridade justiça-bênção e injustiça-castigo”¹⁸. Assim, o sofrimento, longe de seu atenuado, é impulsionado quando os discursos que tentam defender Deus e acusar o sofredor, não dão conta da realidade e nem oferecem espaço para a gratuidade de Deus.

Já no Novo Testamento, a autora aponta que a mesma revelação - já iniciada no AT - é agora escancarada no que diz respeito à iniciativa que Deus toma continuamente de ir em direção ao ser humano. Agora, em Cristo encarnado, o amor de Deus é demonstrado profundamente quando Deus se dispõe a morrer para dar vida à humanidade e isso é traduzido por meio do plano de redenção e evidenciado no ato que Paulo convida a Igreja a cantar em seu hino cristológico da kenosis de Deus. O que a autora propõe é que, a compreensão kenótica de Deus traduz o ideal de vida que a humanidade precisa buscar a partir de então quando demonstra que o próprio Jesus tem Sua vida descrita como sendo “descentrada de si, como um modo de ser a serviço do outro e em obediência total à vontade de Deus”¹⁹.

Em consonância ao que Herrera demonstra, a autora afirma que a kenosis não pode ser entendida apenas como um aspecto pontual de Jesus, não sendo possível delimitar um “estado kenótico” de Cristo, como se, após a Sua exaltação, esse estado tivesse sido abandonado, como algo a ser superado, vencido por ocasião da glorificação. Antes, esse estado sendo contínuo da totalidade da vida de Jesus faz com que esse torne-se, também, o paradigma para a vida cristã, aspecto também apresentado por Paulo, no primeiro capítulo da epístola aos filipenses, quando diz: “Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele” (Fp 1.29 ARA). E, a partir desse ponto,

¹⁷ ANDRADE, Aíla. p. 102

¹⁸ ANDRADE, Aíla. p. 104

¹⁹ ANDRADE, Aíla. p. 105

a autora parece explicar ainda mais claramente o que Herrera demonstrara, a saber que:

A kenosis revela a verdadeira intimidade do ser de Deus, uma comunhão de amor. A kenosis de Jesus revela que o esvaziamento tem suas raízes no Pai que se doa ao Filho e no Filho que se entrega sem reservas nas mãos do Pai. A kenosis não é apenas uma maneira de ser humano, mas a maneira de ser de Deus.²⁰

Dessa forma, a compreensão da kenosis como sendo um aspecto mais profundo do que apenas um sinônimo para a encarnação, mas como sendo uma característica reveladora acerca do próprio Deus enquanto economia trinitária, especialmente no doar-se até às últimas consequências ao encarnar e morrer, reverbera a condição humana de se perceber como servos que devem imitar seu Senhor, de tal forma que seja possível uma existência que, de igual modo, supere a própria vivência; ultrapasse o próprio sofrer e a própria dor e, a partir disso, construa o exercício de solidariedade e compaixão - entrega gratuita de si mesmo em consolo e cuidado.

A partir disso, a proposta fundamentada na própria revelação Divina de Si mesmo é encarar o sofrimento humano como sendo algo não para ser explicado ou uma ferramenta revolucionária, mas em vez de dar solução, ser encarado como possibilidade de experimentar o amor de um Deus rico em compaixão apesar da dor. Essa percepção será possível quando o sofrimento sair da órbita de seu próprio sofrimento e enxergar-se como parte do Cristo crucificado e ressurreto.

3. A PHRONESIS RESPONDE AO SOFRIMENTO COMO CRISTO

Apesar dos argumentos de Aíla e Herrero, ecoando alguns outros pensadores, apontarem para uma quarta forma de pensar o sofrimento humano, Jonas Madureira, ao desenvolver o conceito cunhado por ele de Inteligência Humilhada no livro de mesmo título, precisa passar pelo chamado problema do mal e acaba esbarrando tanto na questão das teodiceias quanto na abordagem acerca da kenosis de Cristo.²¹ Para Madureira, a percepção do filósofo italiano Gianni Vattimo de pensamento fraco, semelhante à de Karl Barth de teologia quebrantada, não parecem dar conta da realidade revelada nas Escrituras. Segundo Jonas Madureira, ambos os autores procuravam uma forma de fugir

²⁰ ANDRADE, Aíla. p. 106.

²¹ cf. MADUREIRA, Jonas. Inteligência Humilhada. Vida Nova. 2017, pp. 111 - 187.

da sistematização do discurso sobre Deus por meio do “quebrantamento” de todo pensamento e discurso teológico, de maneira que, só seria possível pensar a respeito do problema do mal a partir da recusa da “totalização sistemática do pensamento metafísico”²².

A maneira de pensar o problema do mal a partir do olhar lançado à revelação de Deus em Cristo por meio da kenosis, inclusive extrapolando-a como sendo atributo trinitário e não apenas o estado encarnado de Jesus, corrobora esse desejo de se posicionar diante do sofrimento humano ao fugir da sistematização teológica e do discurso, antes, dando ênfase à importância do posicionamento na práxis cristã: práxis teológica, que se dispõe ao serviço do sofredor por meio do esvaziar-se de igual modo de Cristo, olhando para além da própria dor e solidarizando-se com quem também sofre. É essa perspectiva que Jonas Madureira também questiona quando demonstra que esse é um estado inalcançado para a humanidade. Segundo ele, não há esvaziamento possível a ser feito para aqueles que nada detém para abrir mão:

A encarnação é apenas condição para alcançar a “forma de servo”, pois, para ser servo, é preciso antes ser homem, um ser de carne e osso. Por isso, o esvaziamento não cabe ao homem, pois ele já é por natureza esvaziado de glória. Como esvaziar o que já é por natureza vazio?²³

A partir daí o que Madureira desenvolve é que o centro do cântico cristológico ecoado por Paulo no capítulo 2 da epístola aos filipenses é, não o ato de esvaziamento vivenciado por Cristo e traduzido como kenosis, mas o conceito de serviço e obediência experimentados por Deus por meio da kenosis, uma experimentação que é para além da ação e para além do pensar e para além do sentir e, por isso, é traduzido em phronesis como sendo alguma dessas expressões e, ao mesmo tempo, como todas elas. Ele diz na página 150: “Na verdade, phronesis é a combinação da atitude correta, com a consciência correta e a vontade correta”.²⁴

Dessa maneira, o que o autor cobra que a Igreja imite em Cristo, não está relacionado ao esvaziamento (kenosis), mas naquilo que a sua phronesis possibilitou, a saber, Sua obediência, Seu serviço. Por essa causa, o que Paulo demonstra e Madureira aponta como essencial na compreensão adequada

²² MADUREIRA, Jonas. 2017, p. 140

²³ MADUREIRA, Jonas. 2017, p. 152

²⁴ O autor Jonas Madureira faz uma demonstração interessante e mais completa da melhor tradução do termo phronesis e de como se pode compreender melhor essa expressão que não tem uma correspondente direta no português, justamente porque não é apenas o fazer, nem sentir, nem querer nas páginas 149 - 151.

diante do problema do mal, é que a ação de esvaziamento para serviço feita por Cristo deve ser parâmetro para que a humanidade perceba a sua condição de humilhação inerente à sua existência como humana, ou seja, na kenosis Cristo sendo Deus e preferindo servir, escancara a condição de criatura que a humanidade possui e evidencia o caráter soberano do Criador, apontando para a necessidade de dependência daquele para Este e para a consequência óbvia dessa relação: a obediência total e absoluta.

Discorrer a respeito do fenômeno descrito por Paulo na sua carta aos filipenses tem o objetivo de dar ferramentas para que Madureira demonstre que não está na posição de imitar o esvaziamento de Cristo a melhor forma de tratar o problema do mal, igualando-O à humanidade e, portanto, fazendo a humanidade igualar-se ao Divino.

Exatamente a partir disso é que ele consegue criticar que não está no abrir mão da onipotência que Deus mantém-se bom e que, por isso, o problema do mal é evitado no convite de que a humanidade também se esvazie (como se isso fosse possível). Em vez disso, o autor explica que é a onipotência de Deus (não mitigada em momento algum) que permite que Jesus encarne e viva a experiência de tornar-se servo ainda sendo Deus e que, por essa causa, diante do sofrimento humano, o posicionar-se como servo, tal qual Cristo, é exatamente a orientação que o apóstolo Paulo dá à Igreja. Ou seja, o ser humano é convocado a imitar a phronesis de Cristo não em Seu esvaziamento (kenosis), mas Sua obediência e confiança.

A partir disso, para evitar o outro extremo de que, para preservar a onipotência divina, sacrifica-se a sua bondade suprema, Jonas Madureira procura refletir que tanto um aspecto do caráter divino quanto o outro não podem ser postos em cheque quando algum evento ou fenômeno da existência humana ocorrer para além das compreensões lógicas e limitadas dessa mesma humanidade. É exatamente por isso que a compreensão do esvaziamento Divino é necessária, pois é por meio dessa atenção que se evidencia a distância do Eterno à compreensão humana e se evoca a necessidade do reconhecimento de que a inteligência e a capacidade de compreensão humanas são, ambas, humilhadas à limitação que o Infinito e Eterno torna visível.

Assim, diante do sofrimento incompreensível, é possível desmontar o tribunal das razões religiosas, naturais e éticas, pois “o único tribunal que importa [...] é o tribunal da razão obediente”, uma vez que “ela não confia no caminho que pode trilhar segundo o seu próprio entendimento; pelo contrário, sua

confiança está sempre depositada na intangível sabedoria e na inconfundível voz de Deus”²⁵.

Nota-se, portanto, que essa aceitação da condição de humilhadas que são a consciência e inteligência humanas, justamente por ocasião da dependência e confiança na “sabedoria inatingível” de Deus, não correspondem ao silenciar e abafar da dor ou torná-la simples de ser sentida, antes, dá espaço para que, diante do Eterno e no ato da dor, seja possível sentir, chorar, lamentar e encontrar forças para continuar caminhando apesar dela e por causa Dele.

A partir desse desenvolvimento, Jonas Madureira descreve todo o debate refletido até aqui diante do problema do mal, mas que ainda não foi resolvido. De alguma forma, existe um impulso humano de buscar pelo dominar a dor e sofrimento a partir da sua explicação em termos naturais lógicos e claros, em esquemas que sistematizam as angústias e, assim, poriam fim à dor, ou ainda de tornar sua abordagem como meio para provocar uma apologética preocupada demais ora com a onipotência divina, ora com sua bondade infinita ou como ferramenta para produzir um modelo de construto social utópico inalcançável nesta terra.

De todas as formas, no entanto, nenhuma delas é suficiente. Madureira concorda dizendo:

[...] mesmo sabendo que a apologética e a teodiceia não são suficientes, ainda assim desejamos encontrar uma explicação. Acreditamos, sabe-se lá por qual motivo, que a dor será estancada com o conhecimento das razões específicas. Partimos loucamente em busca de respostas mais precisas.²⁶

É a sabedoria inatingível já citada e o humilde reconhecimento do lugar de servo que possibilitam, portanto, a melhor maneira de se lidar com o problema do mal. Diante da dor profunda e excruciante, nada há a se fazer a não ser chorar, pôr-se aos prantos em dúvidas, embates, gritos e desespero. Diante do ‘dia mal’ e a partir de uma adequada compreensão do Eterno, a ferramenta que se tem é a do lamento como expressão máxima da angústia que extravasa o intelecto e se curva à adoração. Segundo Madureira, “a lamentação é a exposição das vísceras que inutilmente tentamos esconder. [...] é sempre a

²⁵ MADUREIRA, Jonas. 2017, p. 171

²⁶ MADUREIRA, Jonas. 2017, p. 181.

confissão de alguém que, embora continue amando a Deus e crendo nele, tem um dilema que não pode mais ser escondido”²⁷.

Assim, é o lamento a resposta que Jonas Madureira descreve como melhor posicionamento possível diante da problemática do mal à luz da compreensão do aspecto kenótico divino, não porque explica em última análise qualquer coisa que seja ou defende a Deus e preserva Sua soberania, mas porque é ferramenta que o próprio Deus todo poderoso e bondoso conferiu aos Seus servos para que possam encontrar esperança, lançar fora todo cinismo e incredulidade, e, finalmente, caminhar com a paz recebida na trilha da razão obediente, com lágrimas nos olhos, mas com sorriso nos lábios²⁸.

4. A ESPIRAL DO SOFRIMENTO E O DESAFIO DA RESPOSTA TEOLÓGICA

A espiral do sofrimento é o caminho que o ser humano tende a trilhar quando é obrigado a encarar a dor e a angústia de perto, na qual o sofredor sai do local de desespero em direção à fuga, em seguida à apatia ou ainda ao esforço por dominá-lo a partir da razão. Esse fenômeno é percebido no ambiente cristão a partir da urgência para se dar uma resposta que seja boa o suficiente para abarcar os princípios lógicos e filosóficos adquiridos até então, e útil o bastante para ser ferramenta que proporcione a superação da dor e desse mal.

Apesar disso, os grandiosos esforços de se construir esquemas sistemáticos inteiros que navegam em direção à resolução do problema em questão e do posicionamento mais radical (ou nem tanto) contrário à teorização e incentivando a prática revolucionária, todos eles fracassam em dar conta de equilibrar com destreza tantas variáveis que são evidenciadas diante do mal.

Até aqui, o que se pretendeu foi, especialmente, demonstrar de maneira geral que os principais posicionamentos teológicos no que diz respeito a esse esforço de equilíbrio fracassado nos períodos históricos diversos, nos espectros políticos diversos e espectros teológicos também variados não são suficientes. Isso porque todos eles têm se apropriado do sofrimento e da dor como meios para se dominar a existência e, seja com a desculpa de defender uma ortodoxia da soberania divina, da misericórdia de Deus ou de proteger o sofredor de uma sociedade externamente corrompida, o que se faz é perder de vista o caráter

²⁷ MADUREIRA, Jonas. 2017, p. 184.

²⁸ Referência à música “Canção do Cristão Medieval” do cantor e compositor Marco Telles em seu álbum *Devir*, 2019.

necessário da dúvida, da incerteza e da limitação humanas. Aspectos essenciais da existência humana como criatura e da eternidade divina como Criador.

Enquanto que, por meio do apóstolo Paulo, a Igreja é convidada a sofrer como privilégio²⁹ para que seja possível servir e consolar³⁰, em Pedro e Tiago, a Igreja é convocada a assimilar o sofrimento como motivo de alegria por evidenciar a unidade com Cristo³¹. Ao mesmo tempo, em Habacuque, o povo de Deus é convidado a encontrar contentamento nele apesar do sofrimento³² e em Neemias o sofrimento pode ser encarado como oportunidade para que o povo de Deus se posicione em uma mudança que é também social, cultural e política³³.

De igual modo, Jesus, no relato dos evangelhos, faz referência ao sofrimento que seus discípulos passariam como sendo passageiros e apontando para uma recompensa futura por suportá-los³⁴, enquanto que o autor de Hebreus demonstra o desafio de estar nesta terra com dores e dificuldades como sendo também ferramenta de Deus para demonstração de Seu amor em disciplina e correção³⁵. Por fim, é Jó quem passa diversos capítulos lamentando da dor que estava enfrentando ao buscar entender a razão para ela existir, mas que se cala e louva ao Eterno quando, em vez de receber explicação que contemple a razão que ele buscava construir, recebe demonstração de que Deus é grande e poderoso - e isso o bastava³⁶.

Assim, nota-se que em toda a Escritura, seja no Antigo ou Novo Testamento, as abordagens para o sofrimento humano são diversas, mas todas elas apresentam um aspecto em comum: o de ser experimentado diante de Deus. Seja na literatura sapiencial, nos livros históricos e proféticos, nas falas registradas do próprio Jesus ou nos exemplos e ensinamentos apostólicos fazendo menção à

²⁹ Fp 1.29: “Porque vocês receberam a graça de sofrer por Cristo, e não somente de crer nele”.

³⁰ 2 Co 1.4: “É ele que nos consola em toda a nossa tribulação, para que, pela consolação que nós mesmos recebemos de Deus, possamos consolar os que estiverem em qualquer espécie de tribulação”.

³¹ At 5.41: “E eles se retiraram do Sinédrio muito alegres por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome”.

³² Hc 3.18: “(...) mesmo assim eu me alegro no Senhor, e exulto no Deus da minha salvação”.

³³ Ne 2.3: “Como não estaria triste o meu rosto, se a cidade onde estão sepultados os meus pais está em ruínas e os seus portões foram queimados”?

³⁴ Mc 10.29,30: “(...) não há ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa do evangelho, que não receba, já no presente, cem vezes mais(...)”.

³⁵ Hb 12.11: “(...) toda disciplina, ao ser aplicada, não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza”.

³⁶ Jó 42.5: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem”.

vida em santificação na terra tanto quanto na esperança da eternidade futura, todos os aspectos refletem uma maneira de se posicionar diante do sofrimento não a partir de um viés legalista e detentor da razão superior humana (como se houvesse alguma razão humana que fosse superior e não fosse, *per se*, humilhada, como descreve Jonas Madureira) ou ainda com intento de política e sociologicamente proporcionar uma revolução que acabaria com os problemas da humanidade (como se não houvesse pecado e necessidade do sacrifício de Cristo na cruz), mas um posicionamento que é traduzido somente no lugar de joelhos diante da cruz.

O sofrimento humano não deve ser encarado, portanto, como desculpa para se construir conjecturas que monopolizem a compreensão sobre Deus, seja em suas teodiceias interessadas em defender a soberania e onipotência divinas ou em suas teopatias³⁷ desejosas de defender o amor e a misericórdia divinos. Posicionamentos esses que, bem-intencionados ou não, fazem oposição à revelação que Deus faz de si mesmo em suas Escrituras, apresentando-o como para além da compreensão e para além de uma faceta de seus atributos, como se estes pudessem ser colocados em oposição: “Deus é amor, *mas* é justiça ou Deus é soberano, *mas* é misericordioso”.

Na realidade, sua revelação demonstra o seu aspecto amoroso ressaltado em sua justiça e vice-versa ou ainda sua soberania escancarada na demonstração de sua misericórdia, ou seja, seus aspectos revelados em atributos demonstrados nas páginas da Bíblia não podem ser utilizados de maneira isoladas para enfatizar um caráter de Deus, construindo, a partir disso, uma caricatura divina, um ídolo que represente o ideal humano do divino, ou ainda um deus que possa suprir a ânsia humana, ao que, na realidade, o Eterno supera qualquer expectativa e qualquer esquema lógico que se possa construir, bem como supera inclusive suas necessidades, sobrepondo-se a todos eles e demonstrando sua superioridade sobre todos esses aspectos.

Assim, ao fingir estar fora da espiral do sofrimento, o teólogo arrogante não percebe que o que faz é tentar dominar a dor por meio de explicações que esvaziam a complexidade que cada lágrima tem para quem a derrama e mantém os olhos fixos em Jesus, de maneira que Ele basta, em comunhão e contentamento. A alegria no Deus da salvação cantada exultante pelo profeta que ouviu sobre sua soberania inclusive diante do pecado e da atitude aparentemente injusta, ou a alegria no Senhor evocada pelo apóstolo quando, preso, tem de servir à

³⁷ Para mais informações sobre uma “noção de teopatia” cf. *Teodiceia, teopatia e teorevolta: por uma cartografia do mal em tempos de coronavírus*, de Alexandre Cabral e Edson de Almeida publicado na Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo, V.60, n.2, p. 453-458.

Igreja em Filipos têm em comum que o sentimento é cultivado por estar no próprio Deus: mesmo que não haja fruto na videira e que as algemas não sejam quebradas, estar unidos ao próprio Senhor torna os lamentos dos dois servos ecos do mesmo pensamento. A saber, o de que contentar-se com Deus é bem diferente de acomodar-se em apatia estática e arrogante, antes contemplar o mistério da Sua grandeza, é oportunidade de louvar Aquele cujos caminhos são inescrutáveis e cuja mente ninguém conheceu, mas que deve receber a honra, a glória e o louvor.

De igual modo, é esta mesma presunçosa teologia que quer tomar o lugar de redentor e ser o responsável por trazer a paz à humanidade sofredora a qualquer custo, ao entender que essa paz só seria conquistada por meio de uma mudança social nos aspectos que temporalmente forem julgados ineficazes e incoerentes, mas esquecendo-se do caráter depravado e corrupto que a própria humanidade se encontra, o que inclui seu próprio olhar e seu próprio critério de injustiça e de paz.

Tentar dominar a dor para se colocar superior a ela por meio da construção de revoluções é um esforço vão de encontrar sentido para a existência a partir do levantar bandeiras fadadas a cair novamente, pois estão firmadas em conceitos efêmeros para julgar aquilo que é passageiro, ou seja, a mudança revolucionária objetivada passa a ter um fim em si mesma e desloca o olhar do sofredor para si mesmo, tirando-o do próprio Deus, que tanto sofreu que sabe o que é padecer e que, justamente por isso, convoca sua igreja a chorar com os que choram sem, no entanto, esquecer de que é nele que se encontra verdadeira paz, não na organização social e política, ainda que se esteja em meio à guerra e à injustiça.

Assim como o contentamento com o Eterno deve provocar louvor e honra a Ele e não comodismo e apatia, é a comunhão com o Deus que sabe o que é sofrer que impulsionou o apóstolo a dar sentido à sua dor por meio do enxergar o outro que sofre e encorajá-lo a não desistir, ou seja, a ação provocada em direção às pessoas que sofrem é distinta da revolução vazia e autocentrada, mas está em segurar-se um ao outro apontando os olhos para Aquele que realmente pode conferir sentido e conceder segurança, a despeito da dor que ainda dói: o Senhor Jesus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, não é na tentativa de deixar a arrogância do esforço de dominar a dor como se assim ela fosse dissipada e cair, por isso, na apatia da frustração e, assim, buscar o embotamento do sentido de existir por meio da fuga da dor em anestésias disfarçadas de cristianismo que se conseguirá posicionamento adequado acerca do problema do mal. Cantar e fingir que não há sofrimento e não há dor porque há comunhão com Deus é tão absurdo quanto acreditar que sozinho, um homem conseguirá explicar a complexidade da vida.

No entanto, é na arrogância do teólogo que se aproveita da dor para criar bolhas e dimensões de êxtase espiritual regadas com promessas vazias e frustradas vez após vez que se pode responder (também de maneira fracassada) ao problema do mal.

O culto e o louvor ao Eterno passam, assim, a serem utilizados como ferramentas de manipulação e de esvaziamento de sentido e a própria existência passa a, de igual modo ao apontado anteriormente, ser autocentrada e, por consequência, distanciar-se de Deus. O culto como anestésico para a dor passa a ser, ao invés de oportunidade de se fortalecer e fortalecer ao outro, um ritual psicológico de mau gosto que pode ser (e é) utilizado de maneiras tenebrosas para manipulação e enriquecimento às custas da fé alheia ou para manutenção de sistemas de violência e terror³⁸.

O que se propõe à discussão aqui é, portanto, não apontar para inutilidade do pensamento teológico que desenvolve as teodiceias nas suas diversas abordagens e possibilidades, como se o “teólogo arrogante” fosse todo aquele que se propõe a refletir sobre isso, pois como Andrés Queiruga disse,

O mal – punho de ferro no rosto da humanidade – é um mistério inescrutável. Nunca atingiremos o fundo do seu horror nem conseguiremos mergulhar até o fim da sua profundidade. Mas isso não significa que não deva ser pensado, como tantas vezes se disse e se repete. Ou que a maneira de abordá-lo seja imutável. O mistério não é algo absurdo e contraditório. Pode, portanto, ser pensado. E não fazê-lo seria apenas um pretexto para a inércia mental. O mistério é algo que não tem fundo.

³⁸ Para uma abordagem crítica ao uso do sofrimento como ferramenta para manutenção de sistemas também maus, cf. MARTINS, Jaziel G. O exorcismo como elemento central no culto da Igreja Universal do Reino de Deus. *Via teológica*, v. 18, n. 35. 2017. pp. 31 - 47. E COSTA, Viviane. *Traficantes evangélicos: Quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus*. Thomas Nelson Brasil. 2023. 176p.

Eis por que exige sem cessar novas aproximações, insuficientes sempre, mas necessárias. Cabe a nós mostrar a coerência de tais aproximações.³⁹

Antes disso, a proposta é que a reflexão teológica aconteça, mas não permaneça autocentrada, seja em seus próprios paradigmas tradicionais e *trincheiristas* ou seja a partir da confiança, unicamente, na razão ou na força revolucionária humanas. Assim, o olhar para os que mais sofrem não os fará de massa de manobra ou tentará a silenciá-los em sua dor, mas provocará o desejo pela construção de uma teologia que seja alcançável e modifique a maneira de viver igreja, de tal forma que, tanto a frieza racional quanto a psicopatia do mercantilismo da pobreza e da violência, sejam eliminados do meio do povo de Deus.

Sendo assim, diante das diversas possibilidades e tentativas de posicionamento acerca do problema do mal, a construção de uma teologia do sofrimento que realmente esteja disposta a servir faz-se necessária como rompimento de modelos estáticos e de motivação arrogante. Antes, como conscientização para a utilidade real de uma poimênica que aponta para Jesus a partir dele em sua revelação nas Escrituras, ou seja, a construção de uma ótica que encare o sofrimento inerente à existência humana como sendo oportunidade para *lamento* diante do *Aba*, ao mesmo tempo que se configura como *serviço* aos que estão ao lado e, por fim, como *contentamento* traduzido em louvor e paz por reconhecer que não há teologia que não seja feita diante de Deus, por causa, por meio e para Ele.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aíla. **A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral.** Ciências das Religiões: Uma Análise Transdisciplinar. UNICAP.

HERRERA, Bayron. *Kénosis y donación: la kénosis como atributo divino.* Cuestiones Teológicas. 2014, p. 350.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência Humilhada.** Vida Nova. 2017, pp. 111 - 187.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Novo Testamento.** 2012. 1ª ed. 160 pp. Hagnos. 2012. ISBN: 978-8577421008.

³⁹ QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar o mal na nova situação secular.* Perspectivas Teológicas. 33. 2001. p. 309.

TELLES, Marco. **Canção do Cristão Medieval**. 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2S2YewQ4mYBeQAYHJMTjgr>. Acesso em: 29 de novembro. 2024.

XAVIER, Donizete J., SANTOS, Eduardo dos. **A Descida do Deus Trindade – A Kénosis da Trindade**, Artigo para Revista de Cultura Teológica, p. 111 - v. 16 - n. 62 - jan/mar 2008.

ZEFERINO. **A construção de pequenos espaços de cuidado e gratuidade como resistência às violências**. Estudos Teológicos, 2019.

ZEFERINO, J. **Humanidade de Deus**. Estudos Teológicos, 2015, p. 95.

Gustavo Gutiérrez - um Perfil Amigo, para a Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 48, 1998, p. 545.